

Guillaume Durand de Mende

(1230-1296)

“Representações da imagem de Cristo e das figuras bíblicas”

(1286)

O *Rationale divinarum officiorum*, de Guillaume Durand, foi por muito tempo considerado a síntese mais completa dos conhecimentos que a Idade Média havia acumulado sobre liturgia. Alguns medievalistas viram nele a última palavra da Idade Média sobre a mística do culto divino.

Nascido na primeira metade do século XIII em Puymisson, Durand fez seus estudos na França e na Itália. Foi professor de direito canônico em Modena até se tornar núncio do papa Gregório X, que o encarregou de várias missões, uma das quais foi apaziguar os conflitos entre guelfos e gibelinos. Em 1285, tornou-se bispo de Mende, onde ganhou renome, pois não deixou mais a Itália até sua morte, em 1296. Durand foi, principalmente, autor de inúmeros livros sobre direito canônico, embora a posteridade o lembre muito mais pelo *Rationale*. Segundo o próprio autor, este livro foi escrito porque muitos padres não entendiam todos os significados dos costumes litúrgicos.

O *Rationale* é dividido em oito livros, o primeiro dos quais trata da igreja e de suas partes, dos ornamentos e dos sacramentos, sendo, sem dúvida, o que mais indicações forneceu para o conhecimento da arte medieval. O interesse dos textos de Durand está em mostrar a prodigiosa influência da liturgia sobre a arte e, particularmente, sobre a iconografia. A codificação dos símbolos só pode ser compreendida considerando o edifício religioso como uma totalidade da qual cada parte possui seu significado específico.

“Representações da imagem de Cristo”

Alguns historiadores, em especial Joseph Sauer, afirmaram que Durand foi o primeiro a ver no transepto do claustro os braços do Cristo e, por conseguinte, no plano geral, o corpo do Salvador. Daí decorre, naturalmente, a obrigação que os arquitetos têm de seguir as prescrições dos clérigos para a distribuição dos espaços da igreja (o volume do coro, do nártex etc.). Quanto aos ornamentos, Durand de Mende define claramente o princípio: “Todos os ornamentos utilizados para a celebração dos cultos são repletos de signos e de mistérios divinos”. Do simbolismo das cores dos paramentos litúrgicos à definição dos temas iconográficos na decoração das igrejas, o sentido original das formas do edifício e de suas partes é, muitas vezes, determinado pela evolução da liturgia no decorrer dos séculos. A palavra *rationale*, além de trazer a idéia de enumeração, é utilizada aqui em alusão ao seu significado primitivo, que designava o ornamento que o grande sacerdote judeu usava ao pescoço. A extrema precisão das explicações e das descrições do texto de Durand o tornam um instrumento de trabalho dos mais preciosos para as pesquisas iconográficas.

Bibliografia: Louis Réau, *Iconographie de l'art chrétien*, Paris, PUF, 1955, t. 1; Joseph Sauer, *Symbolik des Kirchengebäudes*, Freiburg im Breisgau, 1902.

Devemos saber que existem três maneiras particularmente adequadas de pintar a imagem do Salvador numa igreja: sentado num trono, suspenso no suplício da cruz ou encolhido no colo de sua mãe. Porém, como João Batista apontou Cristo dizendo: “Eis o cordeiro de Deus” (Jo 1, 29; 36), alguns o pintam com as feições de um cordeiro. Contudo, como a obscuridade passou e Cristo se tornou, de fato, um homem, o papa Adriano disse que ele deve ser pintado na forma humana (*Decretum*, p. III, D. III, c. 29). O cordeiro de Deus não deve ser pintado na cruz como

motivo principal, mas depois de pintar o homem nada impede que se pinte o cordeiro na parte inferior ou posterior, já que ele é o verdadeiro cordeiro que redime o mundo de seus pecados. Essas maneiras de pintar a imagem do Salvador, bem como muitas outras, servem para significar diversas coisas: pintá-lo na manjedoura significa sua natividade; pintá-lo no colo materno, sua condição infantil; pintá-lo ou esculpi-lo na cruz, sua paixão — às vezes, na própria cruz se pintam o Sol e a Lua formando um eclipse; pintá-lo subindo degraus significa a ascensão; pintá-lo num trono ou numa cadeira elevada sugere a majestade e o poder que ele possui, como se dissesse: “Todo o poder me foi dado no céu e na terra” (Mt 28, 18), conforme a frase: “Eu vi o Senhor sentado num trono elevado” (Is 6, 1), isto é, o Filho de Deus reinando acima dos anjos, segundo outra frase: “Tu, que estás sentado acima dos querubins” (Is 37, 16). Às vezes, é pintado tal como o viram Moisés e Aarão, Nadab e Abiu, ou seja, no alto de uma montanha encimada por um céu sereno, tendo a seus pés um bastão de safira. E, devido ao testemunho de Lucas: “Então se verá o Filho do Homem chegar sobre uma nuvem com grande poder e majestade” (Lc 21, 27), às vezes se pintam ao seu redor anjos que o servem e assistem constantemente. E eles são representados com seis asas, segundo as palavras de Isaías: “Havia serafins perto dele, cada qual com seis asas, cobrindo o rosto com duas delas, com outras duas os pés e pairando no ar com as duas restantes” (Is 6, 2).

Os anjos são pintados na flor da idade, pois jamais envelhecem. Às vezes existe, emoldurada, uma pintura do arcanjo Miguel esmagando, a seus pés, o dragão, segundo as palavras de João no Apocalipse: “E houve no céu um combate entre Miguel e o dragão” (Ap 12, 7), representando esse combate a separação dos anjos, quando os bons fo-

ram fortalecidos e os maus arruinados, ou então a perseguição aos fiéis na Igreja de hoje. Às vezes, esse quadro é formado por 24 velhos, segundo a visão do mesmo João, que trajam vestes brancas e levam coroas de ouro, simbolizando os doutores da antiga e da nova Lei, que são doze devido à fé na Trindade que anunciam nos quatro cantos do mundo, ou então são 24 devido às obras e observâncias evangélicas. Acrescentando uma língua de fogo, teremos uma representação dos dons do Espírito Santo; um mar de vidro sugere o batismo. Às vezes, esse quadro também inclui quatro animais, segundo Ezequiel e, mais uma vez, João: “Um rosto de homem e uma cara de leão à direita, uma cara de touro à esquerda e uma de águia embaixo” (Ez 1, 10). Trata-se dos quatro evangelistas. Também são pintados com livros entre os pés porque praticaram em ato e pensamento o que ensinaram por meio de sermões e escritos. A Mateus se atribui a figura do homem e a Marcos, a do leão. Ambas são colocadas à direita porque o nascimento de Cristo e sua ressurreição foram uma alegria comum a todos. Daí, as palavras do salmo: “Na manhã, a alegria” (Sl 30, 5). A Lucas se atribui o touro porque ele foi iniciado pelo sacerdote Zacarias e foi quem dedicou mais cuidados ao Cristo enquanto vítima e sofredor. Efetivamente, o touro é um animal apropriado aos sacrifícios dos sacerdotes. Lucas também é comparado ao touro devido aos dois chifres, que correspondem aos dois testamentos que escreveu e aos quatro cascos, que representam os pensamentos dos quatro evangelhos. Também é uma imagem de Cristo, que foi um touro imolado em nosso nome e se situa à esquerda porque a morte de Cristo entristeceu os apóstolos. Quanto a João, ele é simbolizado pela águia porque paira acima dos cumes das montanhas quando diz: “No princípio era o Verbo” (Jo 1, 1). A águia também é uma figura de Cristo, cuja juven-

tude se renova como a dela, já que ele surge ressuscitado dos mortos e entra no céu. Essa figura não é pintada ao lado do Cristo, mas acima dele, pois é um símbolo da ascensão e o anúncio da presença do Verbo junto a Deus. Às vezes, são pintados em torno de Cristo ou, preferencialmente, abaixo dele, os apóstolos que foram testemunhas de suas palavras e de seus atos até os confins da terra. E são mostrados cabeludos, como os nazarenos, isto é, os santos. Na realidade, a lei dos nazarenos os proibia de cortar os cabelos a partir do momento em que eles se apartavam do convívio com outros homens. Mas os apóstolos também são representados sob a forma de doze ovelhas, pois são como carneiros a serem sacrificados em nome do Senhor; outras vezes, no entanto, representam as doze tribos de Israel, que também são pintadas sob a forma de ovelhas. Também podem ser pintadas mais ou menos de doze ovelhas ao redor do trono de majestade, mas então simbolizam outra coisa, como diz Mateus: “Quando o Filho do Homem vier em sua majestade, ele se sentará no trono e colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda” (Mt 25, 31-3).

Pode-se observar que os patriarcas e os profetas são representados tendo nas mãos rolos de pergaminho e que alguns apóstolos também o são com rolos, ao passo que outros o são com livros. Isto porque, evidentemente, antes da vinda de Cristo a fé era mostrada por meio de figuras e, sob muitos aspectos, de maneira não desenvolvida. Para o indicar, os patriarcas e profetas eram pintados com rolos, que significam uma espécie de conhecimento imperfeito. Os apóstolos, ao contrário, foram perfeitamente instruídos por Cristo, até no uso de livros, que são um símbolo apropriado para indicar o conhecimento perfeito. Alguns deles, porém, deixaram por escrito, para conhecimento dos outros, o ensinamento que haviam recebido e por isso lhes

convém, como aos doutores, ter livros nas mãos e é assim que são vistos Paulo, os evangelistas, Pedro, Tiago e Judas. Outros, contudo, não deixaram nenhum escrito definitivo ou aprovado pela Igreja e por isso são pintados segurando, em vez de livros, rolos de pergaminho, símbolo de sua atividade como pregadores, o que explica a frase do apóstolo [Paulo] na epístola aos efésios: “O Senhor concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres visando à obra do ministério” (Ef 4, 11). Mas a Majestade divina às vezes é pintada com um livro fechado nas mãos, pois “ninguém foi considerado digno de abrir esse livro, exceto o leão da tribo de Judá” (Ap 5, 4-5); outras vezes, com um livro aberto para que todos o possam ler, porque ele é a luz do mundo, o caminho, a verdade, a vida e o livro da vida. [...]

João Batista, às vezes, é representado com traços de eremita. Os mártires o são com os instrumentos de seu suplício, como Lourenço, com a grelha, e Estevão, com as pedras, e às vezes com palmas, símbolo da vitória, segundo a frase: “O justo florescerá como a palmeira” (Sl 92, 12), para que a lembrança deles fosse preservada tal como a palma mantém o verdor. Daí porque, ao voltarem de Jerusalém, trazem uma palma nas mãos: é sinal de que combateram pelo rei que foi recebido em Jerusalém com folhas de palma, marca de honra, e que mais tarde, naquele mesmo lugar, foi vencedor na luta contra o diabo, antes de entrar triunfante e cercado de anjos nos palácios celestiais; daí o versículo: “Os justos florescerão como a palmeira e cintilarão como estrelas” (Dn 12, 3). Os confessores são pintados com suas insígnias; os bispos, com suas mitras; os abades, com o capuz; às vezes, são representados com uma flor-de-lis, símbolo da castidade. Os doutores têm livros nas mãos; as virgens, segundo o Evangelho, lamparinas. Paulo, um

livro e uma espada: o livro por ser ele doutor, ou devido à sua conversão, a espada por ser militante; daí, o verso: “Glória e fúria de Paulo, livro e conversão de Saulo”. Em contrapartida, consideradas em conjunto, as imagens dos Pais são pintadas tanto nas paredes da igreja, como em painéis atrás do altar, com vestes sagradas ou em lugares diversos, a fim de que meditemos continuamente sobre seus atos e santidade, em vez de fazê-lo a partir de coisas impróprias ou inúteis. Por isso, no Êxodo, a voz de Deus determina que, no julgamento, o peitoral do sumo sacerdote seja preso ao peito de Aarão com fitas, pois o coração de um sacerdote jamais deve ser atormentado por pensamentos inconsistentes, e sim, exclusivamente por aqueles bem disciplinados pela razão. E nesse peitoral de vigilância determinou-se, segundo Gregório, gravar os nomes dos doze patriarcas, pois levar os nomes dos patriarcas no peito equivale a pensar continuamente na vida de nossos ancestrais. Ora, um sacerdote trilha caminhos irrepreensíveis a partir do momento em que fixa seu olhar, pacientemente, sobre os passos deixados pelos sacerdotes que o precederam e que afasta os pensamentos ilícitos para não correr o risco de sair dos limites estabelecidos pela razão.

Também se pode observar que Jesus é sempre representado com uma coroa, como se alguém dissesse: “Saíam, filhas de Jerusalém, e vejam o rei Salomão usando o diadema com o qual sua mãe o coroou” (Ct 3, 11). Na verdade, Cristo foi coroado três vezes. Primeiramente por sua mãe, com uma coroa de misericórdia, no dia da sua concepção; essa coroa é dupla, pois é feita com os dons da natureza e os da graça; e também é chamada “diadema”, o que equivale a “dupla coroa”. Depois, recebeu a coroa da miséria de sua madrasta [a sinagoga], no dia de sua Paixão. E, finalmente, recebeu de seu Pai a coroa da glória, no dia da res-

surreição. Daí, a frase: “De honra e glória o coroastes, Senhor” (Sl 8, 5). E, no dia da última revelação, seria coroado pelos seus com a coroa do poder, pois “ele virá com os anciãos da terra para julgar o mundo com equidade absoluta” (Sl 98, 9). Também os santos, são todos pintados com coroas, como que para dizer: “Filhas de Jerusalém, venham e vejam os mártires com as coroas de ouro com que o Senhor os coroou” e, no livro da Sabedoria: “Os justos receberão da mão do Senhor o reino da honra e o diadema da beleza”. As coroas desse tipo são pintadas na forma de escudos redondos porque os santos gozam da proteção divina. Em seu reconhecimento, cantam: “Senhor, tu nos coroaste com o escudo da tua benevolência” (Sl 5, 12). A coroa de Cristo se distingue das outras por trazer o desenho de uma cruz, pois foi por meio do estandarte da cruz que ele conquistou, para si, a glorificação de sua carne e, para nós, a libertação do cativo e o desfrute da vida eterna. Quando se pinta, nos dias de hoje, um prelado ou um homem santo que ainda vive, a forma da coroa é quadrada ao invés de redonda, modo pelo qual se mostra o seu vigor nas quatro virtudes cardeais, tal como prescrito na lenda do bem-aventurado Gregório. Às vezes, também se pinta o paraíso nas igrejas, para que, ao olhá-lo, as pessoas sejam atraídas pelas delícias da recompensa; outras vezes, há pinturas do inferno, para que sua visão afaste dos vícios por temor ao castigo; existem ainda flores e árvores carregadas de frutos, para representar os frutos das boas ações, que nascem da raiz das virtudes, pois “a uns, o Espírito dá o discurso da sabedoria, a outros, o da ciência” (I Co 12, 8). Por outro lado, as virtudes são pintadas com feições femininas porque elas acalmam e alimentam. Há ainda esses ornamentos chamados “forros de lambris”, que servem para realçar a beleza da construção. Eles representam os fiéis mais sim-

ples de Cristo, os que ornam a Igreja não com a sabedoria, mas com a virtude. [...] Quanto às esculturas em relevo, elas parecem brotar das paredes das igrejas, pois, com o tempo, as virtudes dos fiéis passam a parecer-lhes inatas, manifestando-se através de múltiplas operações. [...] No mais, diversas cenas do Novo e do Antigo Testamento são pintadas como apraz ao artista, pois “os pintores, como os poetas, sempre tiveram o justo poder de tudo ousar”.

Fonte: Guillaume Durand de Mende, *Rationale divinatorum officiorum*, livro I, Veneza, 1494; edição do texto latino in *Les images, l'Église et les arts visuels*, organizado por Danièle Menozzi, Paris, Éditions du Cerf, 1991.